



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

IDENTIDADE E TERRITÓRIO POPULAR NA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE SOBRE A FEIRA DO ACARI EM MARAGOJIPE-BAHIA

Hellen Mabel Santana Silva*
(UESB)

Eduardo Oliveira Miranda**
(UESB)

Ewerton de Santana Monteiro***
(UESB)

RESUMO

As feiras livres constituem-se como manifestações sócio-econômicas que movimentam a cidade no sentido espacial, bem como no econômico e cultural. Ou seja, embora apresentando uma essência econômica, a feira preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, como afirma Almeida (1989, p. 103), por se configurar como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam. Enquanto territorialidades populares, as feiras livres modificam o espaço de forma direta uma vez que nele inserem novos caracteres e o dinamizam. Da economia à cultura, a feira possui uma infinidade de perspectivas e finalidades a depender de quem a faz e de quem a consome. Refletimos no presente trabalho sobre a Feira de Acari, que acontece no município baiano de Maragogipe e se configura como expressão de uma tradição urbana que resiste ao tempo e à modernidade enquanto territorialidade popular.

PALAVRAS-CHAVE: Feira livre. Território popular. Cultura.

* Graduada em Licenciatura em Geografia- UEFS; Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade pela UEFS. E-mail: hellenmabelss@gmail.com.

** Graduado em Licenciatura em Geografia – UEFS; Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade, pela UEFS. E-mail: edu-olliver@hotmail.com.

*** Graduado em Direito pela Faculdade Anísio Teixeira; Graduando em História pela Uneb. E-mail: monteiro_fsa@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

INTRODUÇÃO

A cidade compreende uma ampla diversidade de usos que retratam as diversas formas de consumo e venda que os grupos sociais desenvolvem ao longo do tempo. Entendemos os espaços públicos como lugares essencialmente privilegiados para o embate dos diferentes interesses e necessidades em jogo, uma vez que a modernidade urbana traz à luz o duelo entre os setores hegemônicos e os amplos segmentos comumente marginalizados. Ao passo em que os primeiros são dotados de normas que seguem os seus interesses, os segundos se adaptam às configurações já existentes muitas vezes de forma precária.

Enquanto territorialidades populares, as feiras livres modificam o espaço de forma direta uma vez que nele inserem novos caracteres e o dinamizam. Da economia à cultura, a feira possui uma infinidade de perspectivas e finalidades a depender de quem a faz e de quem a consome. A feira se faz no cotidiano e é parte do mesmo influenciando no fazer social daqueles que a vivenciam.

Nesse sentido, refletimos no presente trabalho sobre a Feira de Acari, que acontece no município baiano de Maragogipe e se configura como expressão de uma tradição urbana que resiste ao tempo e à modernidade enquanto territorialidade popular. Para tanto, desenvolveremos breve reflexão sobre as feiras livres e sua persistência nos centros urbanos, as funcionalidades da feira livre no contexto contemporâneo e a Feira de Acari enquanto território cultural no município estudado.

Maragogipe fica localizada a cerca de 133 km de Salvador e tem sua origem na tribo indígena Aimoré que habitavam as margens do rio Guaí. Localizada no ponto de encontro entre o rio Paraguaçu e o rio Guaí, Maragogipe forma uma extensa região de lagamar cercada por 30 km de manguezais que figuram como uma das principais fontes de renda de boa parte da população.

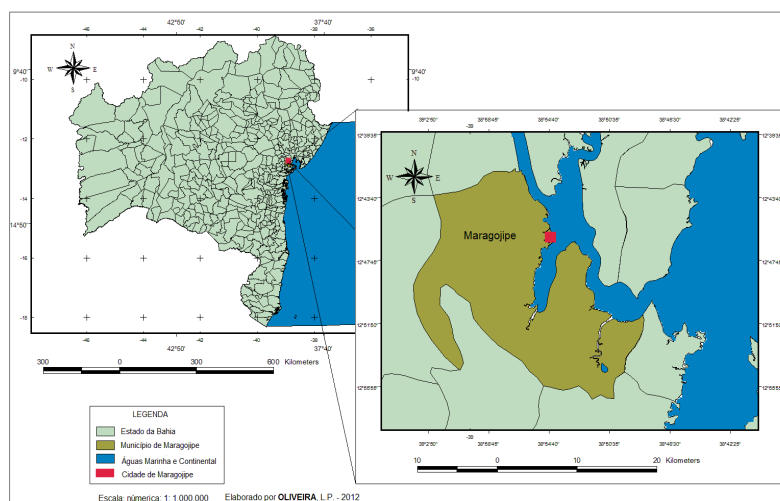


Figura 1 Mapa de Maragojipe- Bahia

Fonte: OLIVEIRA, L.P- 2012

O município de Maragojipe é bastante rico no que diz respeito aos recursos naturais, apresentando um ótimo potencial para o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo ecológico, rural e principalmente o turismo náutico, incluindo a pesca desportiva.

Último paradeiro náutico do Recôncavo Baiano, a cidade ainda abriga, no porto do Caijá, dezenas de canoas e saveiros. As antigas embarcações à vela eram muito utilizadas para o transporte das mais diversas mercadorias no interior da Baía de Todos os Santos até recentemente. Hoje, ainda restam alguns exemplares concorrendo com meios de transporte mais modernos.

O espaço urbano possui uma dinâmica complexa, a qual modifica as relações sociais de acordo com o desenvolvimento de cada localidade. As transformações desenvolvidas no espaço possuem características quase que exclusivamente excludentes, posto que a cultura local sofre interferências das inovações introduzidas de acordo com a complexidade adquirida por cada pólo urbano. Isso se deve ao fato da cidade concentrar um maior volume de pessoas, mercadorias, serviços, capital, os quais são reproduzidos pelo sistema econômico.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Se a cidade é social e economicamente (re)produzida, deve-se levar em consideração todo o seu processo histórico, fundamental ao seu surgimento. Assim, “a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido” (CARLOS, 1994, p.84); sendo esta consequência da produção e reprodução dos seres humanos, é, portanto, produto histórico.

De acordo com Corrêa (1989, p. 09) o espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social; um conjunto de símbolos e campo de lutas”. Fragmentado porque desempenha diferentes funções e representa a apropriação do mesmo pelos diferentes grupos sociais. É também o *locus* da (re)produção das relações histórico-sociais.

Segundo Mascarenhas (2008) a reprodução social da cidade requer lugares para os excluídos da ordem dominante realizar sua sobrevivência material cotidiana. Frente ao processo de exclusão, os mercados a céu aberto configuram-se como territórios populares onde a venda de produtos possui uma configuração própria à revelia dos ditames dos setores hegemônicos. Ou seja, a rua torna-se o palco onde a feira, as barracas, os feirantes e suas mercadorias comercializam seus produtos, mas, sobretudo, o espaço onde a “ordem” é revertida. Ao invés de prateleiras, ar condicionado e demais signos que caracterizam os supermercados, a feira é feita ao ar livre, com mínima participação dos agentes públicos o que confere uma organização própria.

Para Corrêa (1997, p. 49-50), os mercados periódicos são um dos modos de estruturação das redes de localidades centrais dos países pobres e podem ser caracterizados como

aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Na perspectiva de Bromley (1980) as feiras geralmente surgem em sociedades estratificadas com nítidas divisões de trabalho e fortes vínculos de influências externas. Tornam-se periódicas a partir do estabelecimento do comércio em tempo parcial e a designação de dias especiais para a sua realização e persistem ao longo do tempo pelas necessidades dos produtores e consumidores. Ou seja, as feiras atendem periodicamente às necessidades dos consumidores e dos produtores, como uma alternativa a outras formas de comércio.

Para além dos pressupostos econômicos, as feiras livres desempenham o papel de ponto de encontro e reafirmação de culturas, onde o vivido, o experienciado em grupo seja na produção ou no consumo traduz modos de vida. Este modo de viver envolve, sobretudo, as manifestações econômicas, sociais e culturais que se materializam no espaço urbano das praças, ruas e avenidas.

Sob esse prisma, as feiras livres constituem-se como manifestações sócio-econômicas que movimentam a cidade no sentido espacial, bem como no econômico e cultural. Ou seja, embora apresentando uma essência econômica, a feira preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, como afirma Almeida (1989, p. 103), por se configurar como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam.

Faz-se de suma importância ressaltar que a feira livre é um território negligenciado pelas políticas públicas por não se adequar às novas tendências econômicas mundiais, tornando uma área considerada sem valor no âmbito do capitalismo, inserida no circuito inferior da economia sendo dinamizadas em pequena dimensão, com pouca ou nenhuma infraestrutura ou aparato tecnológico.

O espaço urbano moderno compreende uma diversidade de possibilidades de produção, reprodução e apropriação que o transformam e imprime intencionalidades. Tais transformações sobrepõe rugosidades e funcionalidades antigas instaurando novos formatos espaciais.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo Berman (1990) a modernidade despreza o passado, os aspectos antigos entendidos como “atrasados” e prioriza o progresso, a mudança enquanto meios de desenvolvimento satisfatório. Sob esse prisma a feira livre configura-se enquanto prática discordante frente às demais formas de comércio na paisagem moderna da cidade.

Em concordância com (DANTAS, 2005) entendemos que a informalidade e, conseqüentemente, o comércio informal ambulante, são fenômenos da “evolução da cidade que enfatizam a necessidade de consideração das características do processo de modernização” e principalmente do tratamento da cidade como condição para compreender, também, a reprodução destes fenômenos.

Nesse sentido, a feira livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua, uma tradição urbana tornada obsoleta pela expansão do automóvel e do moderno varejo, mas que luta para persistir na paisagem urbana.

O ambiente festivo da feira livre contrapõe-se aos supermercados constituindo-se como redutos populares dentro dos espaços urbanos. Na feira os sujeitos podem se comportar de forma livre, espontânea porque vivenciam o consumo em um ambiente aberto, público, dotado de pouca ou nenhuma infraestrutura. Os simbolismos e componentes característicos reforçam o ambiente livre, criativo, interativo o que, em certa medida corrobora para a ideia de que na feira ocorre um sentimento de pertencimento a um coletivo cujo protagonista tanto é quem vende como quem compra.

Trata-se de um ambiente democrático onde, a empatia é constante e se traduz em falas, gestos, comportamentos. Da propaganda feita pelo feirante em voz alta até a pechincha, constituem-se como caracteres próprios de um lócus onde a espontaneidade é fator preponderante.

A estética das barracas, o colorido das mercadorias, a música adornam um lugar de encontro, de prosa, de afirmação cultural. Na feira estão presentes



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

diversos aspectos da cultura popular como, por exemplo o artesanato, a música, os costumes, ditados populares. Segundo Morais e Araújo (2006):

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vidas sociais no âmbito dos territórios construídos

Não obstante, a feira é também ponto de resistência, de protesto. Uma vez que os territórios das feiras são desprezados pelas políticas públicas por não constituírem-se como espaços potencialmente econômicos e lucrativos, as feiras representam o processo de exclusão sócio-econômica engendrado pelas classes dominantes.

Sua permanência se dá pela necessidade de espaços de sociabilidade que fujam da confortabilidade das opções modernas de consumo como, por exemplo, supermercados, shoppings, galerias. Se por um lado a feira atende às necessidades de sobrevivência material dos pouco abastados, por outro sua resistência se dá pela necessidade de sobrevivência das culturas desenvolvidas em seu entorno.

O município de Maragojipe, situado no Recôncavo Baiano, a cerca de 133 km de Salvador tem como chamariz o comércio de mariscos e cerâmicas, bem como o seu carnaval de máscaras e o culto a São Bartolomeu.

A feira de Acari acontece a mais de uma década e é responsável por uma completa (re) configuração socioespacial no município. No dia em que a feira se desenvolve – geralmente na quinta-feira – o espaço do município se reorganiza e ganha novos caracteres uma vez que barracas são instaladas em uma das suas principais ruas. O trânsito é modificado desde as primeiras horas do dia para facilitar o fluxo de mercadorias, bem como de pessoas que freqüentam a feira. Ou



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

seja, a dinâmica do município se modifica no dia da feira do Acari seja no que se refere a sua espacialização, como também a sua dinâmica econômica.

Diferente das feiras de hortifrutigranjeiros, a feira de Acari comercializa roupas, sapatos, aparelhos eletrônicos, dvd's e artesanatos oriundos de diversas partes do país cujos preços baixos atraem consumidores de Maragojipe, de distritos e municípios circunvizinhos.

Nas quintas-feiras, logo cedo a paisagem do município sofre modificações em uma das suas principais ruas. Barracas são montadas em uma organização própria dos comerciantes, cabides com roupas colorem uma passarela de mercadorias e consumidores amontoam-se em busca de produtos disputando os melhores preços. Há ainda, aqueles que circulam pela feira para encontrar amigos, comer, ou, tão somente para vivenciar a pausa no cotidiano que a feira promove.

Durante o processo de feitura do presente trabalho observamos a dinâmica do município antes, durante e depois da feira no intuito de compreender a importância da mesma para os maragojipanos. Por meio de questionários e entrevistas feitas com consumidores ficou claro que, desde a quarta-feira à noite os sujeitos se preparam para a feira e veem a mesma como um evento: “Não perco uma! Chego cedo, olho todas as barracas. Na feira eu encontro de tudo! Roupa, sapato, brinco, celular. Me divirto com minhas amigas. Mesmo que eu não compre nada toda quinta-feira eu estou lá!”²⁸⁸

Mesmo com a existência de lojas de roupas e eletrônicos alguns sujeitos demonstram se sentir mais a vontade no ambiente da feira: “Eu compro em loja, mas aqui é diferente. O chato da loja é que você não pode pechinchar. Aqui eu pechincho, escolho com calma, peço ajuda das colegas. Gosto mais!”²⁸⁹ Como podemos observar no gráfico 1, 66% dos consumidores afirmam que o preço baixo é fator preponderante para que as compras sejam feitas na feira, seguidos de 14%

²⁸⁸ Rosali Souza, agente de saúde.

²⁸⁹ Vanessa Lima, professora.

que consideram a qualidade dos produtos como chamariz e 20% que apontam a variedade como fator impulsionador para o consumo na feira de Acari.

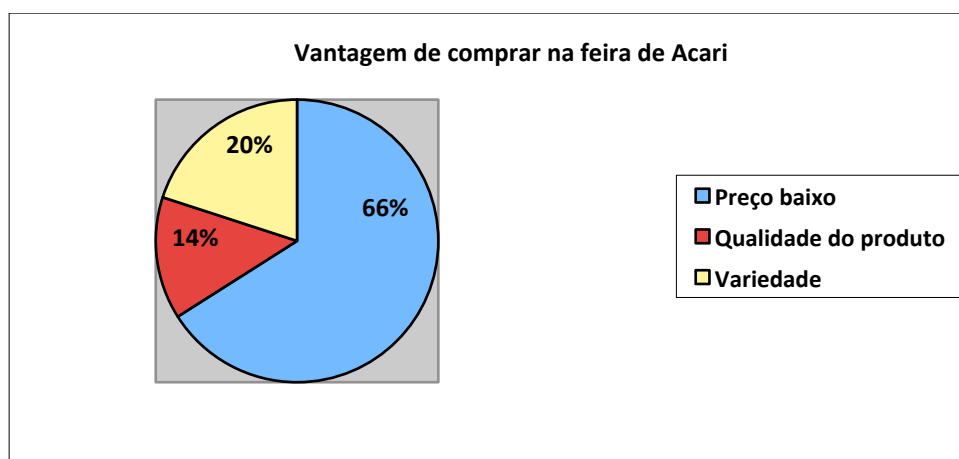


Gráfico 1 Vantagem de compra na feira de Acari.

Fonte: dados de pesquisa- 2011

Uma das cenas mais vistas durante as observações foram justamente os encontros entre amigos, os momentos de fofoca e dispersão da rotina que demonstraram o quanto a feira instaura um sentimento de comunidade e celebração.

Ainda que não percebam, os sujeitos vivem um tipo de lazer durante as horas em que circulam pela feira. Para boa parte dos maragojipanos a quinta-feira é um dia não somente de consumo, mas também de diversão e entretenimento: “Quando estou com dinheiro saio carregada de coisas. Quando não vou lá para olhar as roupas, as novidades, as amigas que não encontro no dia-a-dia, tomar caldo de cana.”²⁹⁰

Quando questionados sobre a função da feira de Acari no cotidiano 57% dos fregueses e frequentadores afirmaram que o acontecimento da feira servia como uma espécie de lazer. Outros 43% indicaram como apenas consumo, como podemos observar no Gráfico 2:

²⁹⁰ Maria das Graças, dona de casa .

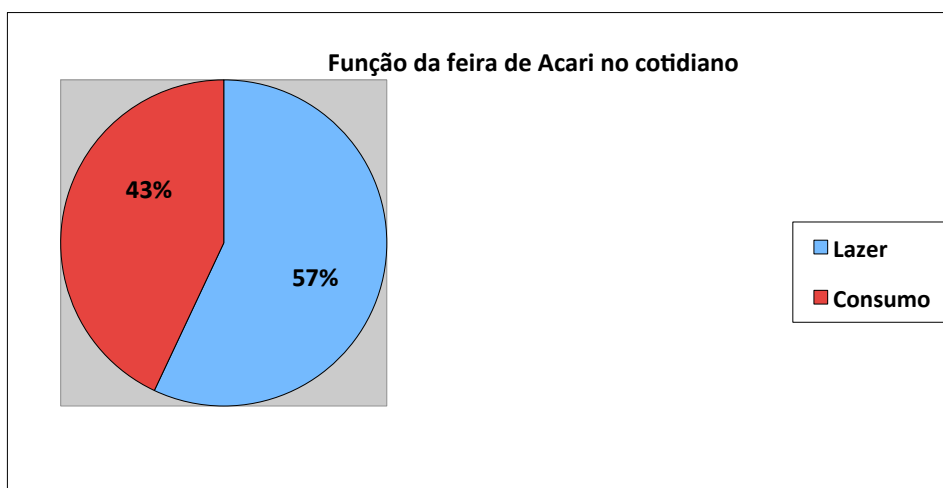


Gráfico 2. Função da feira de Acari no cotidiano.

Fonte: Dados de pesquisa- 2011

Dentre as reclamações feitas pelos comerciantes e consumidores está a falta de infraestrutura adequada para a feira. A inexistência de banheiros para que os clientes provem as roupas também se configura como um problema, muito embora os comerciantes improvisem “cabines” destinadas a tal fim. Outra reclamação se refere à falta de mais espaço para a ordenação das barracas. Uma vez que a quantidade de comerciantes tem crescido consideravelmente faz-se necessário que o planejamento feito pela prefeitura seja revisto, no intuito de ampliar o espaço destinado à feira.

Destarte, podemos constatar que a feira de Acari tem importância para os maragojipanos seja pela oportunidade de consumir mercadorias oriundas de outros lugares, como também de interagir socialmente em um ambiente animado, de troca e exaltação da cultura popular.

CONCLUSÕES

As feiras consistem em lugar de relação social, econômica e cultural onde os envolvidos, para além de consumirem produtos estabelecem trocas culturais. Ainda que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sejam uma modalidade periódica de comércio, ou seja, acontecem em determinados dias da semana, as feiras modificam o espaço e desenvolvem no mesmo diversas formas de relações sociais.

Da economia à cultura, a feira possui uma infinidade de perspectivas e finalidades a depender de quem a faz e de quem a consome. Toda quinta-feira Maragogipe recebe feirantes que ocupam uma das suas principais e modificam a sua configuração espacial de forma concreta. Barracas e stands improvisados são instalados com uma variedade de produtos que são comercializados ostensivamente ao longo do dia. O “burburinho” de sons, pessoas, das vozes dos feirantes anunciando preços, a organização das barracas, a mudança do trânsito são algumas das mudanças que a feira de Acari promove no município.

Dessa forma, a feira pode ser compreendida como espaço essencialmente diversificado cujas trocas de saberes, vivências são constitutivas da identidade daqueles que dela participam. Enquanto veículo de comunicação a feira livre resiste na modernidade pelo seu caráter popular e cultural como expressão do povo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro Jorge Zahar/IPLANRIO, 1987.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Cia. das Letras. 1990.
- BROMLEY, R.J. **Os mercados periódicos dos países em desenvolvimento; uma revisão crítica**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE, 42(3), p. 646- 57, jul. /set. 1980.
- CARLOS, Ana Fani. **O Lugar No/Do Mundo**. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004
- DANTAS, Eustógio Wanderley C. **Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em evidência (1975 a 1995)**. Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. - vol. IX, núm. 202 - Barcelona: Universidad de Barcelona, 2005



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)**, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.
MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)**. [Em línea]. *Caminhos da Geografia*, 2005.
PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**.